

LUIZ ALBERTO MONIZ BANDEIRA

A DESORDEM MUNDIAL

O ESPECTRO DA TOTAL DOMINAÇÃO

GUERRAS POR PROCURAÇÃO, TERROR, CAOS E CATÁSTROFES HUMANITÁRIAS

Capítulo 24

A ADVERTÊNCIA DE JOHN Q. ADAMS • GUERRA PSICOLÓGICA E GUERRA ECONÔMICA CONTRA A RÚSSIA • DEMONIZAÇÃO DO PRESIDENTE PUTIN • RESSURREIÇÃO DO NAZISMO NA UCRÂNIA • O ÓLEO DO MAR CÁSPIO • MODERNIZAÇÃO DO ARSENAL NUCLEAR DA RÚSSIA • CRIAÇÃO DA UNIÃO ECONÔMICA EURASIANA • ACORDO ENTRE RÚSSIA E CHINA • PREJUÍZOS DA UNIÃO EUROPEIA COM AS SANÇÕES CONTRA A RÚSSIA • O GASODUTO NORD-STREAM • CHINA E RÚSSIA E A CRIAÇÃO DE NOVA ESTRUTURA INTERNACIONAL DE PAGAMENTOS • O PETRO-DOLLAR STANDARD E A HEGEMONIA DOS ESTADOS UNIDOS • ENFRENTAMENTO COM A CHINA • SUBSTITUIÇÃO DO DÓLAR COMO CURRENCY DOMINANTE NO COMÉRCIO MUNDIAL

As contradições no trasfondo das guerras na Ucrânia, Síria, Iraque, Iêmen, Líbia, Afeganistão etc. eram das mais agudas e extremamente complexas, dado que implicavam interesses profundamente antagônicos de grandes potências, como Estados Unidos, Rússia, China e também União Europeia, ademais de outros países do Oriente Médio e Leste Europeu. O que lá ocorria configurava *proxy wars*, i.e., guerras por procuração, travadas entre as grandes potências com ou em outros países, através de terceiros atores, sem que elas diretamente se envolvessem. E o presidente Obama havia assimilado a nova política exterior do Partido Republicano, dos neocons, “*more missionary*”, como o professor Henry Kissinger referiu, a enfatizar que a “*America had a mission to bring about democracy — if necessary, by the use of force*” — e a demonstrar certa ou total intolerância diante de qualquer oposição.¹

John Quincy Adams, ex-secretário de Estado (1817–1825) e depois 8º presidente dos Estados Unidos (1825–1829), em discurso perante a Hou-

se of Representatives, por ocasião do Independence Day, em 4 de julho de 1821, havia, orgulhosamente, declarado que "*she [América] has, in the lapse of nearly half a century, without a single exception, respected the independence of other nations, while asserting and maintaining her own*".² E, a acrescentar que a América se abstivera de interferência nos assuntos de outros países, mesmo quando o conflito fora por princípios aos quais de coração aderira, acentuou que a América desejava a "*freedom and independence of all*", porém, "*she goes not abroad in search of monsters to destroy*".³ "*Her glory is not dominion, but liberty*", concluiu.⁴ Não foi, porém, o que aconteceu ao longo da história. A compulsão cada vez "*more missionary*" de impor o que entendiam como democracia, ainda que pela força, a expressar-se com a política de *exporting democracy* e de *regime change*,⁵ exacerbou-se na medida em que os interesses de Wall Street mais e mais se estreitaram com os do complexo industrial-militar até constituir uma aberração, que solapou a posição internacional dos Estados Unidos, como símbolo da liberdade, pretendido pelos *Founding Fathers*. E o fato foi que os Estados Unidos não somente buscaram no exterior "*monsters to destroy*", i.e., regimes que não convinham aos seus interesses econômicos e geopolíticos, como procriaram os próprios *monsters* — e.g. CIA, OTAN etc., atores responsáveis pelos mais sangrentos fiascos e catástrofes humanitárias, na Eurásia, no Oriente Médio e na África, evidenciados *inter alia* na guerra do Afeganistão, no ataque ao Iraque e bombardeio da Líbia, na emergência do Da'ish, em meio à sangueira na Síria, e no *putsch* que produziu a secessão da Ucrânia *et sequens* a guerra civil em Donbass.

Não obstante, o presidente Obama, como antes o presidente George W. Bush, perseverou no propósito de estender a máquina de guerra da OTAN à Ucrânia, como porta de entrada, e daí alcançar o resto da Eurásia, até o Mar Cáspio, o maior lago do planeta e, com o Golfo Pérsico, uma das duas maiores áreas ricas em reservas de petróleo e gás existentes na Terra, ademais de sua importância para a conexão com muitas outras regiões de interesse do Ocidente.⁶ Tratava-se de uma região de fundamental relevância econômica, militar e geopolítica, onde os Estados Unidos estavam a perder mais e mais a influência,⁷ em virtude do soerguimento da Rússia, sob o governo do presidente Vladimir Putin, *est quod* a intensa campanha para demonizá-lo, sob o pretexto da reincorporação da Crimeia, empreendida pelos governos do

Ocidente (Estados Unidos e União Europeia) e pela mídia corporativa internacional, veículo das operações de guerra psicológica (*psyops*).

Com toda a razão, o economista Paul Craig Roberts, ex-secretário assistente do Tesouro, na administração do presidente Ronald Reagan (1981-1989), acusou "*the Obama regime and its neocon monsters and European vassals have resurrected a Nazi government and located it in Ukraine*". Conforme explicou, o golpe na Ucrânia foi um esforço de Washington "*to thrust a dagger into Russia's heart*".⁸ E "A ousadia de tal ato criminoso foi encoberta pela construção de uma falsa realidade de uma revolução popular contra um governo corrupto e opressivo", ressaltou, a observar que o mundo devia estar aturdido ao ver que "*bringing democracy has become Washington's cover for resurrecting a Nazi state*". A mídia ocidental — aduziu Paul Craig Roberts — "*has created a fictional account of events in Ukraine*", a omitir que o golpe foi organizado pela administração do presidente Obama, derrubou na Ucrânia um governo democraticamente eleito e ignorar que as milícias desfraldaram os "*Nazi symbols*".⁹

A Rússia evidentemente teria *justus titulus* de reagir. A reintegração da Crimeia tornara-se inevitável depois do *putsch*, que derrubou o presidente Viktor Yanukovych, patrocinado pelos Estados Unidos. Tratava-se de defender a estratégica base naval de Sevastopol, construída pela Rússia em 1783, vital para seu acesso ao Mar Negro, bem como os corredores de transporte de óleo e gás do Mar Cáspio, que atravessavam a Ucrânia. Estultícia imaginar que Moscou de alguma forma não reagiria à ofensiva.

Segundo a U.S. Information Administration, comprovadamente, no Mar Cáspio e adjacências, havia, em 2012-2013, reservas de 48 bilhões de barris de óleo e 292 trilhões de pés cúbicos (Tcf) de gás natural e, no litoral, 41% do total do cru, 19,6 bilhões de barris de hidrocarboneto líquido condensado, recuperado de jazidas extraídas de gases associados e não associados, a maior parte como um composto químico, formado por átomos de carbonos.¹⁰ O U.S. Geological Survey (USGS) calculava que existiam ainda mais reservas não descobertas, com 20 bilhões de barris de óleo e 243 Tcf de gás natural.¹¹ As bacias do Mar Cáspio produziram, em 2012, a média de 2,6 milhões de barris de cru por dia, cerca de 3,4% do consumo mundial, a maior parte (35%) extraída dos campos ao largo do litoral.¹² E só o Azerbaijão, em 2015, estava a produzir 291 milhões de barris

de óleo e 1,07 trilhão Tcf de gás natural.¹³ O total das reservas fora antes (1999) estimado em mais de 100 bilhões de barris de óleo, dez vezes mais que as reservas do Alasca.¹⁴ Estimava-se que o total da sua produção de óleo do Mar Cáspio podia superar a do Mar do Norte,¹⁵ onde a exploração declinara de 44 campos, em 2008, para apenas 12, em 2015, apesar de que ainda houvesse 16 bilhões de barris recuperáveis nas proximidades da costa de Aberdeen e a oeste das Shetland Islands.¹⁶

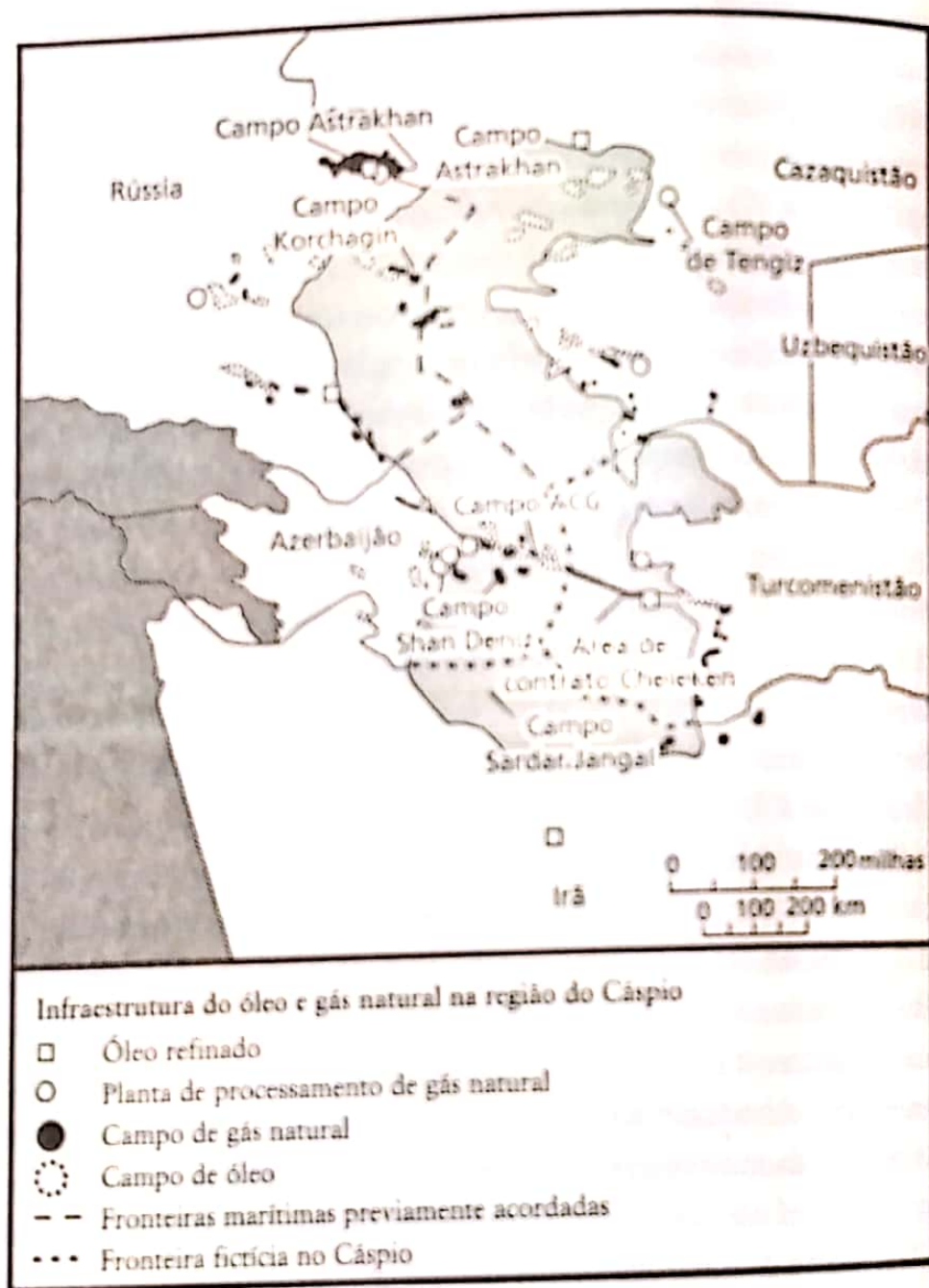


Figura 24.1 — Mar Cáspio

Fonte: U.S. Energy Information Administration

A Rússia e o Cazaquistão controlavam a maior parte do Mar Cáspio e, desde 29 de setembro de 2014, os cinco países que o circundavam — Rússia, Irã, Azerbaijão, Turcomenistão e Cazaquistão — decidiram, unanimemente, na IV Reunião de Cúpula, em Astracã (Rússia), que eram capazes de manter a segurança da região e não permitir a ingerência de forças militares estrangeiras.¹⁷ Esse acordo visou a afastar da Ásia Central a penetração de forças da OTAN, cuja base aérea da 376th Air Expeditionary Wing, em Manas (Manas Transit Center), instalada em 2001, no Quirguistão, para as operações da ISAF (International Security Assistance Force), no Afeganistão, tivera de ser fechada, em 4 de junho de 2014, devido, *inter alia*, ao arrendamento baixo, inadequado, corrupção nos contratos de óleo, e preocupação quanto aos danos ambientais,¹⁸ bem como ao compromisso de não renovar o contrato com os Estados Unidos, assumido com a Rússia.¹⁹ O presidente Barack Obama, ao ter de encerrar as atividades da base aérea de Manas, pretendeu transferir as instalações para o Cazaquistão, ao mesmo tempo que tratou de incrementar ainda mais a expansão da OTAN nos países do Leste Europeu, a pretexto da crise na Ucrânia e da reincorporação da Crimeia pela Rússia. O Acordo da IV Cúpula do Cáspio, em Astracã, fechou, no entanto, o Mar Cáspio aos desígnios do presidente Obama de avançar na região, onde antes os Estados Unidos mantiveram estreitas relações militares com o Azerbaijão, Turcomenistão e Cazaquistão, desde que deflagraram a Operation Enduring Freedom contra os Talibãs, em 2001. O presidente Obama conseguiu, entretanto, um acordo com o presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev, que permitiu o transporte pelo seu espaço aéreo de tropas e equipamentos não letais, de modo que pudesse alcançar, rapidamente, o polo norte, a fim de levá-los, em menos de 12 horas, à base militar de Bagram, a 25 milhas ao norte do Aeroporto Internacional de Kabul, no Afeganistão.²⁰ E o Cazaquistão, com 6.846 km de fronteira contínua com a Rússia e 1.533 km com a China, configurava um país de essencial importância geopolítica para a estratégia dos Estados Unidos.

A base aérea dos Estados Unidos de Karshi-Khanabad, no Uzbequistão, já havia sido fechada, em 2005, mas a Alemanha continuou a manter a pequena base aérea de Termez, a única do Ocidente que lá funcionava, no sudeste, e era também usada pelos países da OTAN para a guerra no Afeganistão,

onde ainda estavam estacionados, em meados de 2015, 12.500 soldados, entre os quais 850 alemães e 10.000 americanos, integrantes da Operation Freedom's Sentinel, dado que os insurgentes continuavam a operar no nordeste, província de Kunduz, com a participação de muitos tadjiques e uzbeques, militantes do Movimento Islâmico do Uzbequistão. O governo do Uzbequistão, que recebia da Alemanha pelo arrendamento da base € 12,4 milhões, desde 2005, e € 15,2 milhões, a partir de 2008, exigiu € 35 milhões e, em abril de 2015, € 72,5 milhões para renovação do contrato, a vigorar em 2016.²¹ O presidente Islam Karimov proibiu, porém, o estacionamento de tropas na base de Termez, de sorte que ela seria apenas usada como centro logístico e eletrônico de reconhecimento e captação de inteligência na Ásia Central — Cazaquistão, sudeste da Rússia e oeste da China, bem como, possivelmente, do Irã, Paquistão e Índia. Outrossim, ainda serviria para o suprimento das tropas alemãs que permaneceram no Hindu Kush, Afeganistão, integrantes da Mission Resolute Support, uma vez haver a ISAF (International Security Assistance Force) terminado formalmente suas operações de combate, em 28 de dezembro de 2014.²² A Alemanha somente mantinha em Termez, junto com a Força Aérea do Uzbequistão, três aviões C-160 Transall e 160 operadores, embora entre 17.000 e 18.000 de várias nações ainda devessem continuar no Afeganistão.

Os Estados Unidos, entretanto, haviam distorcido a função da OTAN, inicialmente defensiva e circunscrita aos sócios da Europa Ocidental, e atribuíram-lhe missões ofensivas *out-of-area*, como, *e.g.*, a guerra no Afeganistão e o bombardeio da Líbia para derrubar o regime de Muammar Gaddafi, pervertendo a Resolução 1.970 (2011).²³ Seu objetivo era garantir permanente presença em Hindu Kush e entre as mais altas montanhas do mundo, de 3.500 a 5.000 m de altitude, na cordilheira Pamir, bem como nas estepes da Ásia Central.

Os Estados Unidos, dentro da moldura da cooperação bilateral, estavam a fornecer aos países da Europa Oriental, que se associaram à OTAN, entre os quais Bulgária e Polônia, modernos equipamentos, tais como o AGM-158 JASSM (Joint Air-to-Surface Standoff Missile), míssil cruzeiro de baixa visibilidade, que podia ser lançado a distância, e possibilitava a aviões táticos atacarem alvo no interior da Rússia, sem penetrar na área coberta pelo seu sistema de defesa antimíssil.



Figura 24.2 — Localização da cordilheira Pamir

Fonte: GNU Free Documentation License

Diante da expansão da OTAN até as imediações da Rússia, engrifando-se a penetrar na Eurásia e encantoá-la,²⁴ o presidente Vladimir Putin, havia algum tempo, trabalhava para robustecer um sistema de defesa e segurança coletiva, no Cáucaso. O esboço do acordo já havia sido elaborado com a Armênia, similar ao que fizera com o Quirguistão, Tajiquistão, Cazaquistão, assim como com a Bielorrússia, cujas unidades de combate e defesa atuariam coordenadamente com as da Rússia, como anunciou o tenente-general Pavel Kurachenko, do comando da Força de Defesa Aeroespacial da Rússia.²⁵ A Rússia tencionava então estabelecer bases aéreas, dentro dos marcos da Organização do Tratado de Segurança e Defesa Coletiva (Organizatsiya Dogovora o Kollektivnoy Bezopasnosti — ODKB), em alguns dos países signatários, entre os quais Bielorrússia, bem como, provavelmente, Armênia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e outros da Ásia Central.²⁶ Para a Bielorrússia, país com o qual em setembro de 2015 estava a negociar a abertura de uma base aérea e um sistema conjunto de defesa, Moscou pretendia enviar 2.250 unidades de modernos equipamentos, aviões de combate Su-35 e Su-35S, helicópteros MI-8MTV51, radares, novos aparelhos para assalto de paraquedistas, veículos de infantaria de combate, e complexos drones (UAV).²⁷ *Si vis pacem, para bellum*. Mas os países do Báltico e a Polônia, os mais belicosos, assustaram-se. Era supérflua a presença de forças da OTAN no seu território.

Em 1997, ao tempo em que o presidente Bill Clinton planejava a expansão da OTAN aos países do Leste Europeu, o contra-almirante Eugene J. Carroll Jr., em artigo publicado em *Los Angeles Times*, reiterou a advertência do diplomata George F. Kennan, autor da doutrina de *containment* da União Soviética, de que “*expanding NATO would be the most fateful error of American policy in the post cold-war era. Such a decision may be expected [...] to impel Russian foreign policy in directions decidedly not to our liking*”.²⁸ Daí que a Rússia, evidentemente, tinha de reagir, reincorporando a Ucrânia e Sevastopol à sua jurisdição, de modo a preservar a base naval na baía Akhtiar (pedra branca), fundada entre 1783 e 1784, uma vez que o objetivo implícito, *inter alia*, do Departamento de Estado e outras instituições públicas e privadas dos Estados Unidos (NED, USAID e ONGs), ao promoverem o *putsch* contra o presidente Viktor Yanukovych, consistia em instalar novo regime e estender a máquina de guerra da OTAN à Ucrânia, cerca de 490 km de Moscou.

O general Joseph Dunford Jr., do U.S. Marine Corps, nomeado pelo presidente Obama chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, declarou ao Armed Services Committee do Senado, em Washington, que a “*Russia resentes the greatest threat to our national security. [...] If you look at their behavior, it's nothing short of alarming*”.²⁹ Porém o presidente Putin já havia percebido a ameaça na fabricação pelos Estados Unidos de novos mísseis com precisão e letalidade, de longo alcance — Patriot, Aegis/Standard Missile e SLAMRAAM (Surface Launched Advanced Medium-Range Air-to-Air Missile), AIM-120 AMRAAM (Advanced Medium-Range Air-to-Air Missile) etc., os quais, além da visibilidade, podiam atingir alvos estratégicos na Rússia. E desde alguns anos a Rússia começara a modernizar seus armamentos e produziu um míssil cruzeiro, que, instalado em submarinos e navios de guerra, podia reduzir o poder militar dos Estados Unidos sobre vasta região, de Varsóvia a Kabul e de Roma a Bagdá.³⁰ Os Estados Unidos, por outro lado, desenvolveram o sistema antimísseis cruzeiros, conhecido como JLENS, montado e preso em plataformas eletrônicas, com ampla área de alcance e radar de precisão, a integrar o Theater Air and Missile Defense (JTAMD).³¹ Os tratados de desarmamento entre os Estados Unidos e a Rússia estavam a corromper-se desde a administração do presidente George W. Bush, que não respeitara sequer

lei internacional nem a própria ONU e, ao adotar a doutrina da *preemptive wars*, invadiu aventureiramente o Iraque, o primeiro dos vários países a atacar, entre os quais a Síria se incluía.

O presidente Putin havia salvado a Rússia da desintegração, "histórico feito durante crucial período", conforme lembrou ao povo russo Mikhail Gorbachiov, ex-secretário do Partido Comunista (1985-1991) e presidente da União Soviética, a apoiar a reincorporação da Crimeia.³² Todo seu esforço visava restaurar, ainda que parcial e conforme normas do capitalismo, o espaço de influência econômica e política da União Soviética, sob o nome União Econômica Eurásiana (EurAsEc — UEE), reestruturando os países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), comunidade criada em 1991, na gestão do ex-presidente Boris Yeltsin, sem maior organicidade, união alfandegária, relações de comércio e assistência mútua, embora possuísse um mercado de cerca de 180 milhões de pessoas. E a recomposição de uma Rússia, com a dimensão econômica, geopolítica e estratégica da extinta União Soviética, era o que os Estados Unidos não aceitavam e queriam obstaculizar, com a decretação de sanções, a pretexto da reintegração da Crimeia e da guerra civil no leste da Ucrânia. Essa foi, fundamentalmente, a *ratio essendi* do *putsch* contra o governo do presidente Viktor Yanukovych, desfechado pelas milícias ultranacionalistas e neonazistas, com o custeio dos Estados Unidos e dos ricos oligarcas, temerosos de que a concorrência acabasse o monopólio dos setores industriais, sob seu domínio, se a Ucrânia aderisse à União Econômica Eurásiana.

A unipolaridade dos Estados Unidos no sistema financeiro internacional, fator que possibilitava a imposição de sanções, conforme seus interesses econômicos e geopolíticos, impeliu outros países a buscar diferentes instrumentos de comércio e de transações financeiras, fora da esfera do dólar.³³ E o presidente Putin projetou a eliminação do dólar e do euro nas transações comerciais dentro da moldura da UEE — Rússia, Bielorrússia, Armênia, Cazaquistão e, posteriormente, com a possível inclusão de outros países, tais como Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão, a expandir o uso das moedas nacionais (rublo russo, rublo bielorrusso, dram e tenge, respectivamente)³⁴ no pagamento de negócios e serviços financeiros internacionais. Outrossim, Dmitry Medvedev, primeiro-ministro da Rússia, estava a negociar a adesão do Vietnã à UEE com o primeiro-ministro

Nguyen Tan Dung.³³ E, em 2014, os bancos centrais da Rússia e da China assinaram um acordo de *swap* no valor de 150 bilhões de yuan (US\$ 23,5 bilhões), a fim de intensificar a cooperação financeira entre os dois países. Em agosto de 2015, o Banco Central da China iniciou um programa piloto de substituição do dólar pelo rublo, na cidade de Suifenhe, província de Heilongjiang, no nordeste do país.³⁴



Figura 24.3 — Fronteiras da Rússia

Fonte: WorldAtlas.com

Dentro do contexto de guerra econômico-financeira, desfechada pelos Estados Unidos e União Europeia contra a Rússia, a Gazprom e a China's National Petroleum Corporation (CNPC) firmaram um memorando de entendimento com o objetivo de construir o duto Power of Siberia (Cua Сибири) através de 2.500 dos campos de Krasnoyarsk e Irkutsk, na Sibéria, para o suprimento de gás natural líquido (*liquefied natural gas* — LNG) à China aprovado pelos presidentes Vladimir Putin e Xi Jinping. O acordo fora no valor de US\$ 400 bilhões e efetivar-se-ia em rublos/yuan. A Gazprom igualmente negociava com a China o fornecimento pela rota ociden-

da Sibéria, através do gasoduto de Altai, de 1.700 milhas, o volume de 30 bilhões de metros cúbicos por ano, com a perspectiva de aumentar o volume para 100 bilhões por ano.³⁷ A Gazprom, em meados de 2015, estava a exportar gás natural líquido, por cerca de US\$ 10,19 *per* MMBtu, porém os analistas criam que para a China o valor era em torno de US\$ 8 *per* MMBtu.³⁸ Não obstante o baixo preço, a perspectiva era de que as corporações americanas, a investirem na construção de terminais nos Estados Unidos, ao longo da costa do Pacífico, com a intenção de suprir futuramente a China com gás, a partir do xisto, cuja liquefação custava muito caro, teriam *"some epic capital destruction"*.³⁹ Não teriam condições de competir em preço com a Rússia.

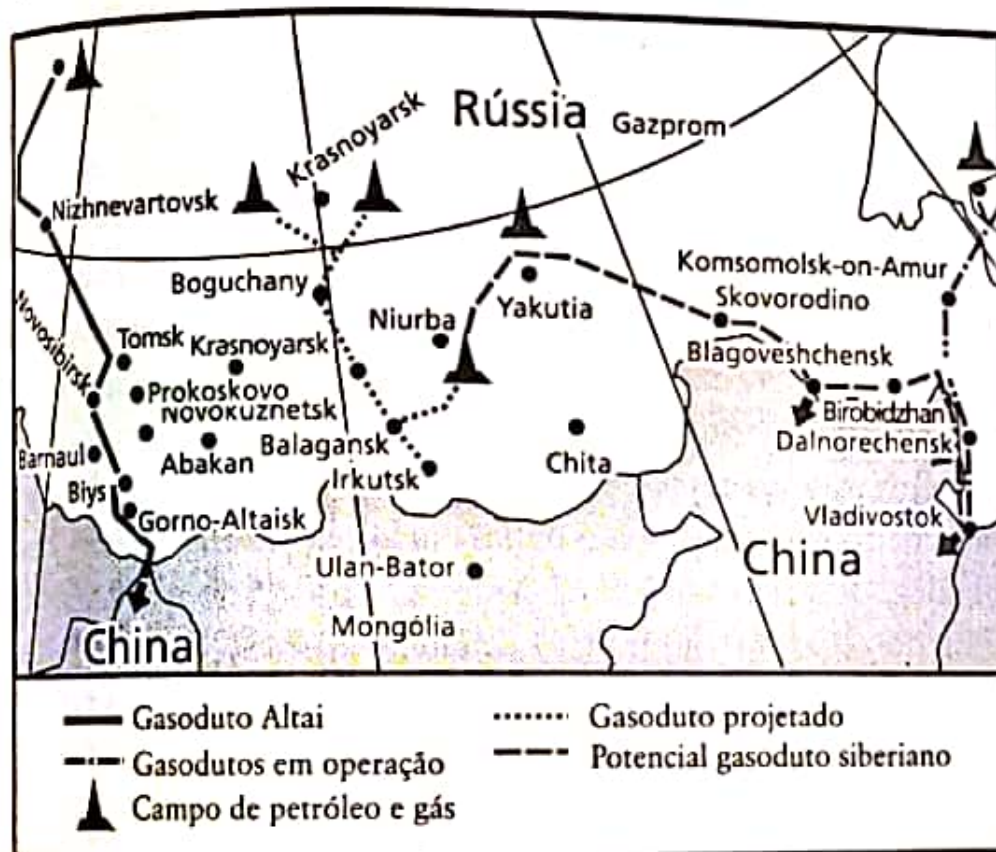


Figura 24.4 — Gasodutos russos na fronteira com a China

Fonte: Gazprom

A Rússia, diante das tensões criadas pela União Europeia, acompanhando os Estados Unidos, esteve a ponto de abandonar a construção do gasoduto North Stream e tratou de negociar com o presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdoğan, o projeto do gasoduto South Stream, que iria da Bulgária e atravessaria o Mar Negro para o Sul e a Europa. Mas a Comis-

são Europeia obstaculizou-o por motivos políticos, sob a alegação de que configurava um monopólio e contrariava as leis da competição. A submissão de Bruxelas a Washington estava a danificar gravemente a economia da União Europeia, particularmente a da Alemanha. O analista-chefe do Bremer Landesbank, o economista Folker Hellmeyer, revelou que em consequência das sanções contra a Rússia, as exportações da Alemanha declinaram 18% em 2014, 34% nos primeiros dois meses de 2015, porém o dano foi muito maior do que as estatísticas demonstram, porquanto às “primeiras perdas” se acrescentam os “efeitos secundários”, que se tornam muito piores com o tempo.⁴⁰ Segundo salientou, a falta de previsibilidade, como requisito, colocou a Siemens fora de um grande projeto, a Alstom perdeu um contrato para a linha ferroviária entre Moscou e Beijing, e o potencial de prejuízos foi mais massivo do que as atuais contas indicavam, e não somente para a Alemanha, mas para toda a União Europeia.⁴¹

Diante da perspectiva de enormes perdas, as companhias alemãs E.ON e BASF/Wintershall juntamente com a British-Dutch Royal Dutch Shell Plc, ENGIE, da França, e a OMV, da Áustria, desconsideraram as sanções decretadas contra a Rússia e mantiveram o projeto de construir com a Gazprom (com 51% das ações) o gasoduto Nord Stream-2, que teria dois prolongamentos marítimos sob o Mar Báltico, *bypassing* a Ucrânia, por não ser uma rota confiável, e a Eslováquia.⁴² E a perda do governo de Kiev, privado de receber pagamento de *fees* pelo trânsito da energia, cerca de 140 bilhões de metros cúbicos de gás, fora estimado em pelo menos US\$ 2 bilhões de dólares, conforme o primeiro-ministro Arseniy Yatsenyuk declarou na Verkhovna Rada, a condenar o projeto como antieuropeu e antiucraniano.⁴³

Os entendimentos entre a Rússia e a China tomavam como base do intercâmbio o rublo/yuan. O Banco Popular da China, desde abril de 2012, estava a desenhar uma nova arquitetura de pagamentos internacionais e criou o CIPS (China International Payment System),⁴⁴ um meio super-rápido de transações com o yuan CHN = CNY = CFXS, em substituição ao sistema de *clearing*, controlado pelos Estados Unidos através da National Security Agency (NSA). Assim se desobstruiu a via para internacionalização do yuan e sua transformação em moeda de reserva.⁴⁵ O yuan já se tornara, em 2014, a quinta maior *currency* usada no comércio mun-

dial.⁴⁶ E o CIPS⁴⁷ começou a funcionar, em uma primeira fase,⁴⁸ em outubro de 2015,⁴⁹ enquanto a Rússia estava a lançar um protótipo nacional de cartão crédito — Mir (paz ou mundo), que poderia estender-se aos países do grupo BRIC (acrônimo do grupo denominado por Jim O'Neill, do banco de investimento Goldman Sachs).⁵⁰ Em novembro de 2015, o yuan foi, porém, incluído na Special Drawing Rights (SDR), a cesta de reservas do Fundo Monetário Internacional.

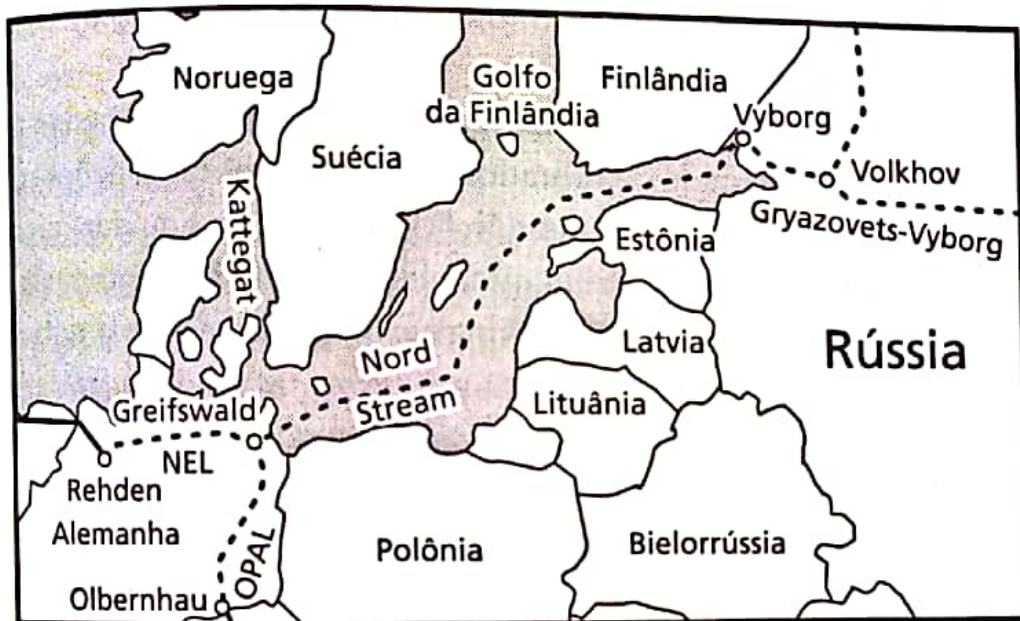


Figura 24.5 — Localização do gasoduto Nord Stream

Fonte: wikimedia.org/wikipedia/commons/5/58/Nordstream.png

Esse novo sistema de intercomunicação internacional de recursos financeiros, o CIPS, constituía frontal desafio ao SWIFT.⁵¹ Outrossim, com o objetivo de gerar o embrião de nova ordem econômica e financeira internacional, a China havia fundado o Asian Infrastructure Investment Bank (AIIB), com US\$ 100 bilhões e a adesão de inúmeros países, e, em 20 de junho de 2015, o New Development Bank, em sociedade com o Brasil, Rússia, Índia, África do Sul, também com um capital de US\$ 100 bilhões,⁵² como alternativa para o FMI e o Banco Mundial. Os quatro primeiros países, que conformavam o BRIC sem a África do Sul, compreendiam 40% da população mundial, um quarto da área mundial e 35% do PIB mundial.⁵³

Entrementes, Moscou pretendia criar outro sistema interbancário e o Banco Central da Rússia fora encarregado de construir uma alternativa

para a SWIFT (Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication),⁵⁴ de modo a enfrentar eventuais sanções dos Estados Unidos e a União Europeia que afetassem suas ordens de pagamentos internacionais, no valor de mais de US\$ 6 trilhões, a envolver mais de 10.000 instituições financeiras em 210 países.⁵⁵ A ROSSWIFT era a segunda maior associada depois dos Estados Unidos. E, caso os Estados Unidos e a União Europeia desabilitassem a Rússia da SWIFT, a situação poderia agravar-se a ponto de gerar provavelmente um conflito internacional de maiores proporções e imprevisíveis consequências.⁵⁶

A substituição do dólar como *currency* dominante no comércio mundial reduziria a capacidade dos Estados Unidos de aplicar sanções contra outros países, bem como criaria condições para maior liquidez nos mercados. A Rússia, em 2014, decidiu estabelecer em rublos o preço de suas *commodities* — óleo e gás — e Washington alarmou-se com a notícia de que Moscou havia firmado com Teerã um memorando de entendimento para fazer transações de *swaps*, à base *oil-for-goods*, no valor de US\$ 20 bilhões, dando a Rosneft em torno de 500.000 bbl/d de petróleo para escoamento no mercado internacional. Esse fato alarmou Washington. O congressista Edward Royce (Republicano-Califórnia), presidente do House Foreign Affairs Committee, escreveu ao secretário de Estado, John Kerry, uma carta, datada de 2 de junho de 2014, na qual expressou “*serious concern*” sobre a possibilidade de que o negócio permitisse ao Irã aumentar suas exportações de óleo em troca de armamentos e novas instalações nucleares fornecidas pela Rússia.⁵⁷ Também, na percepção de Washington, esse acordo solaparia os esforços para isolar a Rússia feitos pelos Estados Unidos “*after it annexed Crimea in March and started destabilizing eastern Ukraine*”.⁵⁸ Em outubro de 2015, os bancos russos Sberbank, VTB, Gazprombank, Bank of Moscow, Rosselkhozbank etc. estavam já a usar outro sistema de pagamentos, fora da SWIFT.⁵⁹

Tais acontecimentos tendiam a pôr fim à hegemonia do dólar, cujo enfraquecimento começara quando os presidentes Lyndon Johnson (1963–1969) e Richard Nixon (1969–1974) descumpriram as regras do Gold Exchange Standard, acordadas em Bretton Woods (1944). Uma oz de ouro, *i.e.*, 28,35 g, devia valer US\$ 35, e eles emitiram e lançaram em circulação mais dólares do que podiam lastrear com o ouro existente

em Fort Knox, a fim de financiar as importações dos Estados Unidos e os custos da Guerra Fria e da guerra no Vietnã, Camboja e Laos. Ademais, os bancos e as grandes corporações dos Estados Unidos passaram a investir pesadamente na Europa. Todas as reservas de ouro estocadas já se haviam virtualmente esgotados em 1970. Só restavam 1.000 das 8.500 toneladas que supostamente estavam depositadas em Fort Knox. E as reservas em dólar, em posse dos bancos europeus, os eurodólares, haviam saltado de US\$ 23,8 bilhões para US\$ 36 bilhões, em julho de 1971 e, no mês seguinte, para US\$ 40 bilhões, três vezes mais do que os Estados Unidos necessitavam para honrar as obrigações contraídas com base nos acordos de Bretton Woods.⁶⁰

Entrementes, os déficits orçamentários federais, desde 1960, recresceram em média US\$ 3 bilhões, por ano, saltando de US\$ 9 bilhões, em 1967, para US\$ 25 bilhões em 1968, devido aos gastos da guerra na Indochina, enquanto as obrigações dos Estados Unidos alcançavam US\$ 36 bilhões e os estoques de ouro despenhavam-se de US\$ 24 bilhões, em 1945, para US\$ 16 bilhões, em 1962, e apenas US\$ 13 bilhões em 1969.⁶¹ Estimava-se que, em 1970, os eurodólares, no mercado de Londres, alcançavam um volume de US\$ 1,3 trilhão, um *pool* de *hot money*, circulação *offshore*, sem controle, mas voltavam aos Estados Unidos, mediante a compra de bônus do Tesouro, e assim financiavam os déficits de Washington. Entre 1968 e 1971, somavam, cumulativamente, US\$ 56 bilhões. Tratava-se de uma economia gravemente enferma. Se os países, que detinham reservas de eurodólares, exigissem a conversão da moeda papel, na paridade de US\$ 35 por uma oz de ouro, os Estados Unidos quebrariam.⁶² Daí que, em agosto de 1971, o presidente Nixon suspendeu, unilateralmente, a conversibilidade direta do dólar em ouro.⁶³ A ordem monetária e econômica internacional sofreu forte abalo. A confiabilidade no dólar abateu-se e a afluência de divisas para a Europa e o Japão ainda mais aumentou. Assim, dois anos depois, em 1973, o presidente Nixon, ante o agravamento da crise, teve de desvalorizar o dólar em 10%, rompendo tanto o Smithsonian Agreement quanto o European Joint Float e pavimentando o caminho para a livre flutuação das moedas. O dólar, que só os Estados Unidos podiam produzir, transformou-se em divisa fiduciária internacional. O FMI adotou então o Special Drawing Rights (SDR), um

esquema para encobrir a debilidade do dólar como divisa. E o então presidente da França, general Charles de Gaulle, acusou os Estados Unidos de assumirem um "privilégio exorbitante", na medida em que podiam continuar financiando seus déficits com a emissão de mais dólares e colocá-los em circulação.⁶⁴

Entrementes, de 1971 a 1973, Jack F. Bennett, secretário do Tesouro e mais tarde diretor da Exxon, e o professor Henry Kissinger, assessor de Segurança do presidente Nixon, com o suporte dos poderosos banqueiros da City de Londres, sir Sigmundo Warburg, Edmond Rothschild, Jocelyn Hambro *et al.*, entramados com Wall Street, haviam negociado com o rei Fayçal ibn 'Abd al-'Azīz Āl Su'ūd e a Saudi Arabian Monetary Agency um acordo, posteriormente sedimentado com a criação da U.S.-Saudi Arabian Joint Commission on Economic Cooperation, mediante o qual os negócios de petróleo — venda e compra — seriam feitos somente em dólares e depois reinvestidos na compra de títulos do Tesouro dos Estados Unidos, o que permitiria a Washington financiar seus crescentes déficits. Em 1973, durante as celebrações do Yom Kippur (Dia da Expição), 6 de outubro, o dia mais sagrado dos judeus, tropas da Síria e do Egito atravessaram o Canal de Suez e investiram contra Israel, avançando na direção da península do Sinai e das colinas de Golan. Apesar da surpresa e das derrotas iniciais, com pesadas perdas, cerca de 2.600 soldados, as IDF revertiram a situação e, em 28 de outubro, o Egito, Síria e Israel aceitaram o cessar-fogo. A fim de boicotar os Estados Unidos e o Ocidente por terem dado apoio a Israel, o Egito encorajou a elevação do preço do óleo cru de US\$ 3 *per* barril para US\$ 12, em 1974. Contudo, a reciclagem dos dólares já estava acordada com a Arábia Saudita, quando ocorreu o choque do petróleo, e com os altos lucros que a alta lhe propiciou, Riad comprou US\$ 2,5 bilhões de bônus do Tesouro dos Estados Unidos.⁶⁵ O acordo óleo/dólar foi expandido em 1975 aos demais membros da OPEC.⁶⁶ O Petro-Dollar Standard substituiu, então, o Gold Exchange Standard e consolidou-se. O país que necessitava comprar óleo tinha necessariamente de obter dólares e tomar empréstimos de curto prazo aos bancos da Europa e dos Estados Unidos. Destarte ocorreu a mutação dos eurodólares em petrodólares. A demanda externa possibilitava a emissão contínua do papel-moeda, como *fiat currency*, e a acumulação de imensos débitos

sem que Washington corresse o risco de cometer o *default*. E os petrodólares converteram-se em um dos alicerces do poder econômico dos Estados Unidos, reforçado ainda por outro choque do petróleo em 1979, enquanto os países da América Latina, Ásia e África atascavam-se em profunda crise de endividamento externo.

Conforme salientou Richard Benson, ex-economista do Chase Manhattan Bank, o nível de prosperidade dos Estados Unidos, e não em pequena medida, estava a depender dos massivos déficits, que os governos faziam nas relações comerciais com outros países, ao importar US\$ 3 trilhões (1972), sem que realmente pagassem os bens que adquiriram.⁶⁷ Os bancos centrais desejavam aceitar os acervos em dólar como investimentos, entretanto a única coisa que tinha valor na economia moderna era o óleo! *"In the real world (which is a long way from Hollywood and the Liberal Media), the one factor underpinning American prosperity is keeping the dollar the World Reserve Currency."*⁶⁸ E isto somente poderia acontecer se os países produtores de óleo sustentassem o preço e todas as suas reservas de divisas em dólares. *"If anything put the final nail in Saddam Hussein's coffin, it was his move to start selling oil for Euros"*, comentou Richard Benson, aduzindo que *"the US is the sole super power and we control and dictate to the Middle East oil producers. America has the power to change rulers if they can't follow the 'straight line' the US dictates. America's prosperity depends on this"*.⁶⁹

Os Estados Unidos havia algum tempo "perderam sua habilidade de ditar a política econômica de outros países", declarou em entrevista à imprensa o professor Paul Krugman, da Princeton University e Prêmio Nobel de Economia.⁷⁰ Porém, os grandes bancos, que regiam a economia mundial, através do FED e de Wall Street, jamais admitiram que o dólar, ainda a subsistir como *fiat currency*, pudesse perder o *status* de única moeda na condução das transações financeiras e do comércio internacional, sobretudo no de óleo e gás. Esse fato, *inter alia*, determinou a invasão do Iraque, em 2003, quando Saddam Hussein pretendeu substituir o dólar pelo euro, nas vendas de petróleo, o que outros países poderiam certamente acompanhar.⁷¹ Não sem razão, o antigo secretário do Serviço Civil da Grã-Bretanha, John Chapman, escreveu no *The Guardian* que *"there were only two credible reasons for invading Iraq: control over oil and preservation of the*

dollar as the world's reserve currency. Yet the government has kept silent on these factors".⁷² Com efeito, a confiabilidade do dólar como *fiat currency* estava a dissipar-se.⁷³ Washington não podia continuar indefinidamente a emitir papel-moeda, sem lastro, para importar mais do que produzia, e os demais países com esses mesmos dólares, sem lastro, continuarem a comprar bônus do Tesouro, financiando o déficit público e a prosperidade da população americana. O déficit, a recrescer a cada ano, atingiu o montante de US\$ 18,1 trilhões,⁷⁴ em 2014, com a previsão de subir para US\$ 22,488 trilhões (federal, estadual e local), ao fim do ano fiscal de 2016,⁷⁵ enquanto o PIB fora de apenas US\$ 17,42 trilhões (2014 est.).⁷⁶

A criação do CIPS pela China, como alternativa para a SWIFT, conjugada com iniciativa similar da Rússia, o estabelecimento do Asian Infrastructure Investment Bank (AIIB) e do New Development Bank, em sociedade com o Brasil, Rússia, Índia, África do Sul, tendiam a quebrantar a preeminência de Wall Street, o que implicava aluir a hegemonia dos Estados Unidos, exercida por meio do dólar, como única moeda de reserva internacional, e da expansão da máquina militar da OTAN, com que subordinava a União Europeia e outros países aos seus interesses econômicos e políticos. Esse era, em larga medida, o trasfondo das crises, *inter alia*, na Ucrânia e na Síria.⁷⁷ E no discurso pronunciado durante a cerimônia de formatura dos oficiais na Academia Militar de West Point, em 28 de maio de 2014, o presidente Obama nominou os países que lhe pareciam hostis aos Estados Unidos, ao apontar a "*Russia's aggression toward former Soviet states unnerves capitals in Europe, while China's economic rise and military reach worries its neighbors. From Brazil to India, rising middle classes compete with us, and governments seek a greater say in global forums*".⁷⁸ Esses eram exatamente os países que conformavam o grupo denominado BRIC.

O conflito, no entanto, estava decidido; o domínio do Ocidente, derrubado — renunciou o economista Folker Hellmeyer, analista-chefe do Bremer Landesbank.⁷⁹ Entrevistado pelo *Deutsche Wirtschafts Nachrichten* em junho de 2015, ele observou que, em 1990, os países do grupo BRIC respondiam apenas por 25% da produção mundial; em 2015, respondiam por 56%; representavam 85% da população mundial e controlavam 70% das reservas mundiais.⁸⁰ E, uma vez que os Estados Unidos não se dispunham a

partilhar o poder, e.g., mudança na proporção de votos no FMI e no Banco Mundial, não restava a esses países emergentes senão construir seu próprio sistema financeiro (*ein eigenes Finanzsystem auf*) — ponderou. E afirmou: “Lá está o futuro” (*Dort liegt die Zukunft*). Sem Moscou e Beijing nenhum problema no mundo se podia solucionar (*Ohne Moskau und Peking lässt sich kein Problem in der Welt lösen*), declarou Folker Hellmeyer, ao pressagiar que, sem dúvida, o eixo Moscou-Beijing (Achse Moskau-Peking) prevalecerá contra a velha hegemonia dos Estados Unidos.⁸¹

NOTAS

1. “The Interview: Henry Kissinger”. *The National Interest's. National Interest*, setembro/outubro de 2015. Disponível em: <<http://nationalinterest.org/print/feature/the-interview-henry-kissinger-13615?page=3>>.
2. “Speech on Independence Day — John Quincy Adams — United States House of Representatives”, 4 de julho de 1821. Disponível em: <<http://teachingamericanhistory.org/>>; “Ashbrook Center at Ashland University”. Disponível em: <<http://teachingamericanhistory.org/library/document/speech-on-independence-day/>>.
3. *Ibidem*.
4. *Ibidem*; John Quincy Adams, *Speech to the U.S. House of Representatives on Foreign Policy (4 de julho de 1821)* — Transcript. Miller Center — University of Virginia. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/speeches/speech-3484>>; Carl Cavanagh Hodge & Cathal J. Nolan, *US Presidents and Foreign Policy — 1789 to the Present*. Santa Barbara (California): ABC-CLIO, pp. 58-59.
5. Joshua Muravchik, *Exporting Democracy: Fulfilling America's Destiny — Fulfilling the American Destiny*. Washington: Aei Press, 1991, p. 81-83; Peter J. Schraeder, *Exporting Democracy: Rhetoric Vs. Reality*. Colorado: Lynne Rienner Publishers, 2002, p. 131, 217-220.
6. Megan Munoz, “For Members Only: The Consequences of the Caspian Summit's Foreign Military Ban”. *Modern Diplomacy*, 30 de julho de 2015. Disponível em: <http://moderndiplomacy.eu/index.php?option=com_k2&view=item&id=890:-for-members-only-the-consequences-of-the-caspian-summit-s-foreign-military-ban&Itemid=771>.
7. Richard Bidlack, *Russia and Eurasia 2015-2016*. Lanham (Maryland): Rowman & Littlefield, 2015. 46th Edition, pp. vii-viii; Seyyedeh Motahhareh Hosseini & Ashgar Shokri Moqaddam, “US Presence in Eurasia and Its Impact on Security and Military Arrangements of This Region”. *Geopolitica*, 5 de maio de 2014. Disponível em: <http://www.geopolitica.ru/en/article/us-presence-eurasia-and-its-impact-security-and-military-arrangements-region#.Vex_MJc-7_A>.

8. Paul Craig Roberts, "Truth Has Been Murdered". *Institute for Political Economy*, 28 de abril de 2015. Disponível em: <<http://www.paulcraigroberts.org/2015/04/28/truth-murdered-paul-craig-roberts/print/>>; "Paul Craig Roberts: 'Bringing Democracy' Has Become Washington's Cover For Resurrecting a Nazi State". *Silver Doctors*, 6 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www.silverdoctors.com/paul-craig-roberts-bringing-democracy-has-become-washingtons-cover-for-resurrecting-a-nazi-state>>.
9. *Ibidem*.
10. "Oil and natural gas production is growing in Caspian Sea region". *Today in Energy*, 11 de setembro de 2013. U.S. Energy Information Administration. Disponível em: <<http://www.eia.gov/todayinenergy/detail.cfm?id=12911>>.
11. *Ibidem*.
12. "Caspian Sea — Overview of oil and natural gas in the Caspian Sea region — International energy data and analysis". *EIA Beta — U.S. Department of Energy*, 26 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.eia.gov/beta/international/regions-topics.cfm?RegionTopicID=CSR>>.
13. Jon Mainwaring, "Caspian Conference: Azeri Oil, Gas Production Target Raised for 2015". *Rigzone*, 4 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.rigzone.com/news/oil_gas/a/138946/Caspian_Conference_Azeri_Oil_Gas_Production_Target_Raised_for_2015>.
14. Vladimir Babak, "Kazakhstan Around Big Oil", 1999, pp. 182–183.
15. *Ibidem*, p. 183.
16. Andrew Critchlow (Commodities editor), "North Sea oil production rises despite price fall The UK offshore region is set for the first increase in total production for 15 years". *The Telegraph*, 3 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/finance/newsbysector/energy/oilandgas/11780648/North-Sea-oil-production-rises-despite-price-slump.html>>.
17. Julia Nanay, "Russia's role in the energy Eurasian market", 2010, pp. 109–115.
18. John C. K. Daly, "After Ukraine, Russia Beefs Up Military in Armenia and Kyrgyzstan". *Silk Road Reporters*, 24 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://www.silkroadreporters.com/2014/10/24/ukraine-russia-beefs-military-armenia-kyrgyzstan/>>.
19. Lt. Col. Max Despain, 376th Air Expeditionary Wing Public Affairs. "The End of an Era: 376th Air Expeditionary Wing inactivation ceremony", 4 de junho de 2014. U.S. Air Force. Disponível em: <<http://www.af.mil/News/ArticleDisplay/tabid/223/Article/485254/the-end-of-an-era-376th-air-expeditionary-wing-inactivation-ceremony.aspx>>.
20. Rick Rozoff, "Kazakhstan: U.S., NATO Seek Military Outpost between Russia and China", *Global Research*, 15 de abril de 2010. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/kazakhstan-u-s-nato-seek-military-outpost-between-russia-and-china/18680>>; Ver também: <<http://www.globalresearch.ca/kazakhstan-u-s-nato-seek-military-outpost-between-russia-and-china/18680?print=1>>.
21. Alexander Cooley, *Great Games, Local Rules: The New Great Power Contest in Central Asia*. Oxford-Nova York: Oxford University Press, 2012. p. 168; "Germany negotiates air base lease with Uzbekistan". *NEOnline* | TB. Disponível em: <<http://neurope.eu/article/germany-negotiates-air-base-lease-uzbekistan/>>.
22. Zdzislaw Lachowski, "Foreign Military Bases in Eurasia". *SIPRI Policy Paper No. 18*. SIPRI, Stockholm International Peace Research Institute. Estocolmo: CM Group-

- pen, Bromma, junho de 2007. Disponível em: <<http://books.sipri.org/files/PP/SI-PRIPP18.pdf>>.
23. "Security Council Approves 'No-Fly Zone' over Libya, Authorizing 'All Necessary Measures' to Protect Civilians, by Vote of 10 in Favour with 5 Abstentions 17 March 2011 Security Council. 6498th Meeting (Night)". Disponível em: <<http://www.un.org/press/en/2011/sc10200.doc.htm>>.
 24. Seyyedeh Motahhareh Hosseini & Asghar Shokri Moqaddam, "US Presence in Eurasia and Its Impact on Security and Military Arrangements of This Region". *Geopolitica*, 5 de maio de 2014. Disponível em: <http://www.geopolitica.ru/en/article/us-presence-eurasia-and-its-impact-security-and-military-arrangements-region#.Vex_MJc-7_A>.
 25. "Russian Unified Air Defense for CIS Collective Security". *Russian Peacekeeper*, 9 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.peacekeeper.ru/en/?module=news&action=view&id=27398>>.
 26. "Russia is ready to establish airbases in neighboring countries — Russian PM". RT, 9 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.rt.com/news/314787-russia-air-bases-csto/06>>. Acessado em 10 setembro de 2015; Christopher Harress, "Amid NATO Threats, Russia New Air Bases Could Open Across Eastern Europe And Central Asia". *International Business Times*, 9 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/amid-nato-threats-russia-new-air-bases-could-open-across-eastern-europe-central-asia-2088746>>; John C. K. Daly, "After Ukraine, Russia Beefs Up Military in Armenia and Kyrgyzstan". *Silk Road Reporters*, 24 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://www.silkroadreporters.com/2014/10/24/ukraine-russia-beefs-military-armenia-kyrgyzstan/>>.
 27. "Putin orders talks on Russian military base in Belarus". RT, 19 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/315964-putin-military-base-belarus/>>. Acessado em 19 setembro de 2015.
 28. Eugene J. Carroll Jr. (retired Navy rear admiral, deputy director of the Center for Defense Information). "NATO Expansion Would Be an Epic 'Fateful Error' — Policy: Enlargement could weaken unity within the alliance. Denials of the potential threat to Russia are delusory". *Los Angeles Times*, 7 de julho de 1997. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/print/1997/jul/07/local/me-10464>>; George F. Kennan, "A Fateful Error". *The New York Times*, 5 de julho de 1997. *Wargamingitalia*. Disponível em: <<http://www.netwargamingitalia.net/forum/resources/george-f-kennan-a-fateful-error.35/>>.
 29. "Obama's pick for Joint Chiefs sides with Romney on Russia". *New York Post*, 9 de julho de 2015. Disponível em: <<http://nypost.com/2015/07/09/russia-is-greatest-threat-to-america-joint-chiefs-nominee/>>; Francesca Chambers (White House Correspondent For Dailymail.com) & Reuters "The Cold War is back: Putin's Russia named as number one threat to U.S. by Obama's nominee to lead the Joint Chiefs of Staff". *MailOnline*, 9 de julho de 2015. Acessado em 22 de julho de 2015.
 30. "Russia - Politics Putin prepares bitter and hysterical missile surprise to 'American partners'". *Pravda*, 16 de janeiro de 2015. Disponível em: <http://english.pravda.ru/russia/politics/16-01-2015/129540-putin_missile_surprise-0/>.

31. Julian Borger (diplomatic editor), "U.S. and Russia in danger of returning to era of nuclear rivalry — American threats to retaliate for Russian development of new cruise missile take tensions to new level". *The Guardian*, 4 de janeiro de 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/jan/04/us-russia-era-nuclear-rivalry>>.
32. "Gorbachev: Putin saved Russia from disintegration". *RT*, 27 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://rt.com/news/217931-gorbachev-putin-saved-russia/>>; Tom Porter, "Mikhail Gorbachev claims Vladimir Putin 'saved' Russia from falling apart". *International Business Times*, 27 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://www.ibtimes.co.uk/mikhail-gorbachev-claims-vladimir-putin-saved-russia-falling-apart-1481065>>.
33. Ariel Noyola Rodríguez, "Russia Precipitates the Abandonment of the SWIFT International Payments System among BRICS Countries". *Global Research*, 6 de outubro de 2015; UNISA (University of South Africa) — Institute for Global Dialogue. Disponível em: <<http://www.igd.org.za/index.php/research/foreign-policy-analysis/south-south-cooperation/11465-russia-precipitates-the-abandonment-of-the-swift-international-payments-system-among-brics-countries>>.
34. "Putin says dump the dollar". *RT*, 1º de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/business/313967-putin-says-dump-dollar/>>. Acessado em 3 de setembro de 2015. Também em: <<https://www.rt.com/business/313967-putin-says-dump-dollar/>>.
35. "Vietnam and Eurasian Economic Union free trade zone deal in 'home straight' — Russian PM". *RT*, 6 de abril de 2015. Disponível em: <<http://www.rt.com/business/247033-russia-vietnam-trade-cooperation/>>. Acessado em 6 de Abril de 2015.
36. *Ibidem*.
37. "Gazprom and CNPC sign memorandum on gas deliveries from Russia's Far East to China — Russia's gas major Gazprom and the Chinese National Oil and Gas Company have signed a Memorandum of Understanding on natural gas supplies from Russia to China and to build a pipeline to the Far East". *TASS*, 3 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://tass.ru/en/economy/818493>>; Kenneth Rapoza, "Russian Government Ratifies Huge China Gas Pipeline Deal". *Forbes*, 3 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/kenrapoza/2015/05/03/russian-government-ratifies-huge-china-gas-pipeline-deal/5>>.
38. MMBTU/MBTU é acrônimo de One Million of British Thermal Units, medida usada para gás natural.
39. Kurt Cobb, "Russia-China Deal Could Kill U.S. LNG Exports". *OilPrice.com/CNBC*, 18 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://oilprice.com/Energy/Natural-Gas/Russia-China-Deal-Could-Kill-U.S.-LNG-Exports.html>>.
40. "Top-Banker ist sich sicher: Russland und China gewinnen gegen die USA". *Deutsche Wirtschafts Nachrichten*, 6 de junho de 2010. Disponível em: <<http://deutsche-wirtschafts-nachrichten.de/2015/06/06/top-banker-ist-sich-sicher-russland-und-china-gewinnen-gegen-die-usa/>>.
41. *Ibidem*.
42. "Gazprom, BASF, E.ON, ENGIE, OMV and Shell sign Shareholders Agreement on Nord Stream II project". *Gazprom*, 4 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://>>

www.gazprom.com/press/news/2015/september/article245837/>; Denis Pinchuk & Olesya Astakhova & Oleg Vulkmanovic, "Gazprom to offer more gas at spot prices via Nord Stream II". *Reuters*, 13 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2015/10/13/us-russia-gazprom-spot-idUSKC-NOS71XS20151013>>; Elena Mazneva & Dina Khrennikova, "Putin Bets on Germany as Gas Ties with Turkey Sour on Syria". *Bloomberg*, 13 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-10-12/putin-bets-on-germany-as-gas-ties-with-turkey-go-sour-over-syria>>.

43. Filip Singer, "Ukraine's PM blames EU for lack of partnership over support of Nord Stream-2 project". *TASS*, 18 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://tass.ru/en/world/822175>>.
44. "Internationalisierung des Yuan — China startet internationales Zahlungssystem — Bisher war die Abwicklung grenzüberschreitender Geschäfte in Yuan teuer und langwierig. Das soll nun besser werden und die Internationalisierung der chinesischen Währung vorantreiben". *Zürcher Kantonalbank*, 9 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.nzz.ch/finanzen/devisen-und-rohstoffe/china-startet-internationales-zahlungssystem-1.18626842>>.
45. Michelle Chen & Koh Gui Qing, "China's international payments system ready, could launch by end-2015 — sources". *Reuters*, 9 de março de 2015. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2015/03/09/us-china-yuan-payments-exclusive-idUSKBN0M50BV20150309>>.
46. "China's mega international payment system is ready will launch this year — report". *RT*, 10 de março de 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/business/239189-china-payment-system-ready/>>.
47. "Payment, clearing and settlement systems in China". Disponível em: <https://www.bis.org/cpmi/publ/d105_cn.pdf>.
48. "China launches RMB int'l interbank payment system". *English.news.cn*, 10 de agosto de 2015. Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/english/video/2015-10/08/c_134692342.htm>.
49. "Internationalisierung des Yuan — China startet internationales Zahlungssystem — Bisher war die Abwicklung grenzüberschreitender Geschäfte in Yuan teuer und langwierig. Das soll nun besser werden und die Internationalisierung der chinesischen Währung vorantreiben". *Zürcher Kantonalbank*, 9 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.nzz.ch/finanzen/devisen-und-rohstoffe/china-startet-internationales-zahlungssystem-1.18626842>>.
50. Alexej Lossan (RBTH), "Russland stellt Alternative zu Visa und MasterCard vor — Die russische Regierung hat in Moskau den Prototypen einer nationalen Kreditkarte vorgestellt. Allerdings wird noch einige Zeit vergehen, bis das neue Zahlungssystem flächendeckend eingeführt wird". *Russia Beyond and the Headlines*, 4 de junho de 2015. Disponível em: <http://de.rbth.com/wirtschaft/2015/06/04/russland-stellt-alternative-zu-visa-und-mastercard-vor_33869>.
51. "Mehr Unabhängigkeit: BRICS-Staaten vs. Wall Street und City of London". *Pravda TV*, 14 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.pravda-tv.com/2015/10/mehr-unabhaengigkeit-brics-staaten-vs-wall-street-und-city-of-london>>.

52. Gabriel Wildau (Shanghai), "New Brics bank in Shanghai to challenge major institutions". *The Financial Times*, 21 de julho de 2015. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/d8e26216-2f8d-11e5-8873-775ba7c2ea3d.html#axz-z3lo8DME81>>.
53. *Ibidem*.
54. Essa sociedade — a rede Swift — foi criada em Bruxelas, em 1973.
55. "Russia to launch alternative to SWIFT bank transaction system in spring 2015". RT, 11 de novembro de 2014. Disponível em: <<https://www.rt.com/business/204459-russia-swift-payment-alternative/>>.
56. Michelle Chen & Koh Gui Qing (Hong Kong/Beijing), "Exclusive: China's international payments system ready, could launch by end-2015 — sources". *Reuters*, 9 de março de 2015. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2015/03/09/us-china-yuan-payments-exclusive-idUSKBN0M50BV20150309>>.
57. "Iran and Russia Making a Deal? Chairman Royce". *Presses State Department for Information*, 3 de junho de 2014. Disponível em: <<http://foreignaffairs.house.gov/press-release/iran-and-russia-making-deal-chairman-royce-presses-state-department-information>>.
58. *Ibidem*.
59. "Several big Russian banks already use SWIFT equivalent — banking official. It was reported earlier that Russia's SWIFT equivalent would be launched in fall 2015". TASS — *Russia & India Reports*, 18 de setembro de 2015. Disponível em: <http://in.rbth.com/news/2015/09/18/several-big-russian-banks-already-use-swift-equivalent-banking-official_425941>.
60. William Bundy, 1998, p. 361.
61. "New York FED stores third of gold. 80 countries keeps 13 billion in vault". *Chicago Tribune*, 23 de setembro de 1969. Disponível em: <<http://archives.chicagotribune.com/1969/09/23/page/53/article/new-york-fed-bank-stores-third-of-gold>>.
62. F. William Engdahl, 1993, pp. 133–137.
63. Satyendra Nayak, 2013, pp. 105–108.
64. *Ibidem*, pp. 107–108, "Norte-Sur. Un programa para la supervivencia. Informe de la Comisión Independiente sobre Problemas Internacionales del Desarrollo presidida por Willy Brandt". *The Independent Comisión on International Development Sigues*. Bogotá: Editorial Pluma, 1980, p. 305.
65. William R. Clark, 2005, pp. 20–22.
66. Alexander Clakson, "The Real Reason Russia is Demonized and Sanctioned: the American Petrodollar". *Global Research*, 18 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/the-real-reason-russia-is-demonized-and-sanctioned-the-american-petrodollar/5402592>>.
67. Richard Benson, SFGrouop. "Oil, the Dollar, and US Prosperity". *Information Clearing House*, 8 de agosto de 2003. Disponível em: <<http://www.informationclearinghouse.info/article4404.htm>>.
68. *Ibidem*.
69. *Ibidem*.
70. Giuliana Vallone, "Economia global projeta cenário decepcionante, diz Nobel de Economia". *Folha de S. Paulo*, 19 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://>>

- www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1695575-economia-global-projeta-cenario-decepcionante-diz-nobel-de-economia.shtm>.
- William R. Clark, 2005, pp. 113–117.
71. Sandy Franks & Sara Nunnally, 2011, pp. 135–138, 150–151.
72. John Chapman, “The real reasons Bush went to war — WMD was the rationale for invading Iraq. But what was really driving the US were fears over oil and the future of the dollar”. *The Guardian*, 28 de julho de 2004. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2004/jul/28/iraq.usa>>; Rachel Evans, “Russia Sanctions Accelerate Risk to Dollar Dominance”. *Bloomberg*, 6 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/2014-08-06/russia-sanctions-accelerate-risk-to-dollar-dominance.html>>; Finian Cunningham, “‘Deal or War’: Is doomed Dollar Really Behind Obama’s Iran Warning?”. *RT*, 16 de agosto de 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-edge/312531-iran-kerry-us-dollar/>>.
73. Federal Debt Clock. Disponível em: <<http://www.usgovernmentdebt.us/>>.
74. *Ibidem*.
75. CIA — *World Fact Book*. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html>>. Acessado em 16 de outubro de 2015.
76. “Jim Rogers — Russia/China/Brazil Joining Forces to Avoid U.S. Dollar”. *The Daily Coin*, 3 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://thedailycoin.org/?p=10593>>; Andrew Henderson, “Russia vs. the petrodollar: the latest reserve currency meltdown”. *Nomad Capitalist*. Disponível em: <<http://nomadcapitalist.com/2014/08/08/russia-vs-petrodollar-latest-reserve-currency-meltdown/>>.
77. “Remarks by the President at the United States Military Academy Commencement Ceremony”. *The White House. Office of the Press Secretary*, 28 de maio de 2014. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2014/05/28/remarks-president-united-states-military-academy-commencement-ceremon>>.
78. “Top-Banker ist sich sicher: Russland und China gewinnen gegen die USA”. *Deutsche Wirtschafts Nachrichten*, 6 de junho de 2015. Disponível em: <<http://deutsche-wirtschafts-nachrichten.de/2015/06/06/top-banker-ist-sich-sicher-russland-und-china-gewinnen-gegen-die-usa/>>.
79. *Ibidem*.
80. *Ibidem*.
81. *Ibidem*.